



- Arquitetura
- Interiores
- Design
- Arte
  
- [Anuário](#)
- [Sobre nós](#)
- [Contato](#)
- [Publicidade](#)



Compartilhar

- 
- 
- 
-



Arquitetura, Design 8ª edição

12 dez 2016 · por Ana Carla Fonseca & Alejandro Castañé

## Cidades Criativas na prática – inteligência coletiva e novas governanças urbanas

### Conteúdo exclusivo do Anuário ArqSC 2016.

Pensar e praticar novos modelos de cidades se tornou uma questão premente – não só por necessidade (afinal, 85% da população brasileira mora em centros urbanos), mas crescentemente por deleite (por mais críticos que sejamos às cidades em geral, dá para contar nos dedos o número de conhecidos que se refugiarão fora de uma cidade). Em suma: moramos nas cidades porque queremos, apesar de seus problemas e graças a tudo o que elas oferecem – diversidade, possibilidades, expansão de horizontes, realizações e para muitos, paradoxalmente, anonimato e privacidade. Diante disso, nada melhor do que aproveitar o que há de bom nos ambientes urbanos e resolver o que nos incomoda neles.

O que inevitavelmente levanta a pergunta: que cidade queremos? Inteligente, sustentável, inovadora, empreendedora, resiliente? Tudo isso e mais? O conceito que adotamos como síntese desses adjetivos, com o qual já lidamos em 167 cidades de 30 países, é o de *cidade criativa* – uma cidade que se reinventa continuamente, com base em inovações, conexões e cultura. Características amplas, mas suficientemente norteadoras e que trazem a criatividade do cidadão para o centro da discussão, seja valendo-se das tecnologias digitais ou nos processos de relacionamento humano presencial. Impulsionando esse protagonismo cidadão estão a valorização e a implementação de duas propostas: **inteligência coletiva; e novas governanças urbanas.**

Conceito proposto originalmente por pensadores como Pierre Lévy, inteligência coletiva refere-se em grandes linhas à capacidade que um conjunto de pessoas tem de articular as competências e o conhecimento de cada uma, em prol do coletivo, em um processo interativo e contínuo. É como se cada um de nós contivesse em sua mente e em suas capacidades uma variedade de ingredientes e, conforme a receita necessária para transformar e melhorar a vida urbana, alguns desses ingredientes fossem selecionados e empregados, para benefício de todos.

O impacto dessa proposta é muito potente. Afinal, poder valer-se do que todos sabem e de pontos de vista variados significa ampliar exponencialmente a capacidade de encontrar oportunidades que não se davam a ver e garimpar soluções para questões recorrentes.

Iniciativas voltadas a aproveitar esse manancial virtualmente inesgotável de inteligência coletiva para a transformação urbana vêm surgindo nos últimos anos, em contextos os mais diversos. Vários são urdidas por governos, a exemplo do [Laboratorio para la Ciudad](#), no México DF. Autodefinido como um espaço de experimentação e ensaio, sua proposta é lançar provocações que motivem reflexões sobre a cidade, incubar projetos piloto e promover encontros multidisciplinares sobre inovação cívica e criatividade urbana, congregando governo, sociedade civil, setor privado e instituições sem fins lucrativos.



Laboratório para a cidade – México – Cidade Lúdica



Outras propostas de inteligência coletiva com impacto urbano positivo são impulsionadas pelo setor privado. É o caso do [BMW Guggenheim Lab](#), fruto de parceria entre a BMW e a Fundação Guggenheim. O projeto foi desenvolvido em três cidades com perfis completamente distintos – Bombaim, Berlim e Nova York -, com o intuito de mapear, junto à sociedade civil, as 100 tendências urbanas mais relevantes. Afinal, há modo melhor de uma empresa se preparar para cenários futuros – e intervir neles -, do que valendo-se desse grande laboratório vivo que é a cidade, formado por pessoas com diferentes expertises, ambições e visões de mundo?





Sambhaji Mumbai





O Brasil também tem sido palco de propostas afins. Em 2013, a tríade FecomercioSP, SESC e SENAC nos encomendou um projeto que resultou no [Sampa CriAtiva](#) – um espaço para motivar o cidadão a repensar a cidade de São Paulo e fazer propostas para transformá-la em um ambiente que ele julgasse melhor, pondo-se porém como protagonista dessa mudança. Em seis meses foram encaminhadas mais de 800 propostas, formuladas por paulistanos por nascimento ou residência, de uma miríade de faixas econômicas, etárias e localizações geográficas, cujo grande anseio era o de exercer sua cidadania de forma ativa.

Outros tantos exemplos surgem da articulação da sociedade civil. É o caso de I Love Rotterdam, cuja ação em uma área combatida da cidade gerou um processo de empoderamento cidadão e transformação urbana. Também cabe mencionar [396 Acres](#), em Nova York, voltada ao mapeamento de áreas não construídas da cidade e à tentativa de, a partir da mobilização da população, converter ao menos parte delas em espaços públicos e verdes. Ou ainda [Anjos do Belo](#), em Florença, congregando cidadãos que zelam pelo patrimônio da cidade e motivam os demais a preservá-lo. No Brasil também são crescentes os exemplos de iniciativas voltadas à cidadania ativa e ao aproveitamento da inteligência coletiva a favor da cidade, como A Batata Precisa de você, em São Paulo e o Ocupe Estelita, em Recife.

**Todas essas – e muitas outras – propostas compartilham alguns traços, como pilares fundamentais de um processo de inteligência coletiva baseado em novos modelos de governança urbana.** De forma sucinta, cabe enfatizar três pontos.

Primeiro, valorização real da diversidade. Assim como inovação requer ousadia e tolerância ao erro, a inteligência coletiva se nutre de diversidade. Parece simples, mas em sociedades muito díspares em termos de acesso e participação, motivar grupos que normalmente não se engajam é um grande desafio para não incorrer o risco de validar a vontade de uma minoria mais visível.

Segundo, engajamento efetivo une reflexão e ação. Instigar novos pensamentos é um excelente passo, mas a jornada se concretiza com a implementação dos mesmos.

Terceiro, cada um tem seu papel na governança urbana. Não raro se ouve, por exemplo, que a sociedade civil deve dizer ao governo o que ele deve fazer. Um governo democrático deve não apenas ouvir e dialogar com a sociedade civil mas ponderar os interesses, direitos e lutas de cada grupo e contemplá-los – ou não – à luz de uma estratégia transparente de curto, médio e longo prazos. Afinal, em uma cidade criativa, a inteligência coletiva deve servir para validar os direitos – e responsabilidades – de todos no processo de transformação da cidade no espaço que nos orgulhamos de oferecer a nossos filhos.

**Ana Carla Fonseca & Alejandro Castañé**

**Sócios-diretores da Garimpo de Soluções, consultores e palestrantes em 30 países e 167 cidades (por enquanto!).**

[ana carla fonseca](#) [Ana Carla Fonseca & Alejandro Castañé](#) [cidade criativa](#) [Garimpo de Soluções](#)

## **Destaques**

Arquitetura, Design  
15 dez 2016 · por Redação

### **Projeto explora diálogo entre natureza e urbanidade**

Arquitetura, Arte, Design, Interiores  
08 dez 2016 · por simone Bobsin

### **Casa Quatro Oito promove uma amálgama criativa**

Arquitetura  
29 nov 2016 · por Redação

### **Prorrogada a consulta pública sobre o Parque Urbano e Marina Beira-Mar Norte**

Arquitetura, Design  
28 nov 2016 · por Redação

### **ASBEA/SC lança manual com orientações para processos de obras e reformas em condomínios**

Arquitetura  
09 nov 2016 · por Karine Daufenbach

### **A obra catarinense de Hans Broos: alguns pontos para reflexão**